

Anabela Amaral\*

**Aprender a palavra ao ar livre.  
Estratégias de modernidade sanitária em Portugal no início do  
séc. XX.**

R E S U M O

*Tendo como ponto de partida a doença que amedrontava a sociedade pelo facto de ser desconhecida a sua cura, a classe médica foi chamada a intervir de modo a conceber estratégias de preservação do futuro social. A escola e os professores, como formadores da criança, empenham-se no sentido de conciliarem uma dupla função, a de ensinar e de alfabetizar e a de preservar a sua saúde. Os discursos higienistas e as discussões médicas analisavam a doença, a relação comprometida com o futuro e com a criança saudável, conciliando as questões científicas e pedagógicas. São então concebidas estratégias pedagógicas de preservação da vida do aluno e do professor, entre elas a escola ao ar livre. A apologia da vida ao ar livre, fortemente inspirada nos modelos sanatoriais, no âmbito do tratamento e da profilaxia da tuberculose, condicionou e influenciou as rotinas pedagógicas com novos dispositivos e concepções de escola.*

*Palavras-chave: Escola; Ar livre; Pedagogia; Higienismo.*

A B S T R A C T

*Taking as its starting point the disease that frightened society by being unknown to its cure, the medical profession was called to intervene in order to design conservation strategies of social future. The school and the teachers, as child trainers strive towards reconciling a dual function, teaching and to preserve their health.*

*Hygienists speeches and medical discussions analyzed the illness, the committed relationship with the future and with the healthy child, combining the scientific and pedagogical issues.*

*Teaching strategies are designed to preserve the life of the student and the teacher, including school outdoors. The apology for outdoor living, strongly inspired by the sanatorium model, and the treatment and prophylaxis of tuberculosis, conditioned and influenced the pedagogical routines with new devices and school conceptions.*

*Keywords: Outdoor school; Education; Pedagogy; Hygienism; School health.*

**Introdução**

Foi a doença, sobretudo a doença infetocontagiosa como a tuberculose, que em finais do século XIX, motivou a mudança do paradigma da escola circunscrita a um espaço fechado. Os médicos e pedagogos procuraram alternativas educativas que permitiam ao aluno usufruir do convívio com a natureza como estratégia de robustecimento físico. Neste trabalho definimos como principais objetivos: *a)* apresentar as estratégias educativas que a nível europeu pretendiam conciliar uma dupla função, a de ensinar e de alfabetizar e a de preservar a saúde de alunos e professores; *b)* analisar

---

\* Professora e Presidente do Conselho Geral da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves.

como as experiências europeias ao nível da escola ao ar livre inspiraram projetos portugueses semelhantes. Neste contexto apresentamos de forma breve os discursos higienistas e experiências europeias do final do século XIX e início do século XX, que inspiraram projetos educativos e de sanidade escolar em Portugal. Em questão estava uma nova dinâmica mundial de intervenção na escola e na criança<sup>1</sup> como salvaguarda do corpo e de um espaço público de educação higiénico, promotor de hábitos de vida saudáveis, que evitasse a doença e o contágio.

Para a análise da problemática do higienismo e sua relação com a educação foram importantes os contributos teóricos de Alain Corbin<sup>2</sup> no que diz respeito aos olhares cruzados sobre o corpo, de Ségolène Le Men<sup>3</sup> relativamente às representações sociais do corpo, de Olivier Faure<sup>4</sup> sobre o olhar dos médicos relativamente ao corpo doente e de Georges Vigarello<sup>5</sup> sobre a higiene do corpo ligada a uma estratégia de investimento na preservação dos organismos e na defesa da população<sup>6</sup>. Utilizámos um conjunto diversificado de fontes que vão desde a legislação sobre o ensino primário, a imprensa pedagógica e médica, as atas dos congressos pedagógicos, às teses e dissertações inaugurais apresentadas no âmbito da conclusão do curso de Medicina, material de arquivo sobre os serviços de saúde escolar, manuais escolares e produção científica diversa. Recorremos igualmente a registos fotográficos, elucidativos quer da problemática da saúde perspectivada pelos médicos quer das novas práticas pedagógicas, imbuídas de conceitos higienistas e da emergente Ciência da Educação, veiculados pelo Movimento da Escola Nova. Para a concretização deste trabalho identificámos num primeiro momento os textos, as experiências internacionais e os meios de difusão utilizados na difusão do discurso higienista e sua apropriação em Portugal. Em seguida agregamos o corpus documental em duas categorias básicas – uma constituída pelos discursos médicos e outra constituída pelo discurso de pedagogos ou de professores comprometidos com a renovação das práticas pedagógicas. Entendemos aqui discurso como o conjunto de textos escritos ou imagéticos que veiculam normas, modelos e saberes. Através da análise hermenêutica dos textos, procurámos identificar em cada uma das categorias referidas as apropriações de saberes e modelos de ação referenciados em determinados contextos internacionais e como foram concretizados na realidade portuguesa. Nesta análise consideramos tanto o discurso escrito como o imagético presente em textos. As fontes, pela sua variedade e natureza oferecem informações de natureza diversa o que permite triangular dados, que de outra forma apareceriam dispersos e insignificantes. Se a legislação define normativos que visam estruturar serviços e práticas, não é menos verdade que adota, legítima e procura impor determinados discursos. É a partir do cruzamento de olhares, presentes já nas fontes manuseadas mas assumido também como estratégia de investigação, que este trabalho se constitui.

### **Modernidade sanitária e pedagógica como contexto teórico**

Anthony Giddens apresenta a modernidade como a época das mudanças significativas em relação à visão do tempo e do espaço em que a “história” surge como “a apropriação sistemática do passado para ajudar a modelar o futuro”<sup>7</sup>. Mas a modernidade pode ser entendida ainda como a afirmação de um pensamento simbólico, que se materializa quer na matematização progressiva do real quer na afirmação da subjetividade e da cultura. Se ao nível da *res* extensa se procede à geometrização do espaço, ao nível social assiste-se à tentativa de homogeneização que vai da

<sup>1</sup> António Gomes Ferreira, *Gerar, Criar, Educar, A criança no Portugal do Antigo Regime* (Coimbra: Quarteto, 2000).

<sup>2</sup> Alain Corbin, *Histoire du Corps* (Paris: Seuil, 2005).

<sup>3</sup> Ségolène Le Men, “Les images sociales du corps” in Alain Corbin, *Histoire du Corps* (Paris: Seuil, 2005).

<sup>4</sup> Olivier Faure, “Le regard des médecins” in Alain Corbin, *Histoire du Corps* (Paris: Seuil, 2005).

<sup>5</sup> Georges Vigarello, “Hygiène du corps et travail des apparences” in Alain Corbin, *Histoire du Corps* (Paris: Seuil, 2005).

<sup>6</sup> José Gregório Viegas Brás, “A higiene e o governo das almas: o despertar de uma nova relação”, *Revista Lusófona de Educação* (2008,12), 113-138.

<sup>7</sup> Anthony Giddens, *As consequências da modernidade* (São Paulo: UNESP, 1991), 24.

normalização da linguagem à normalização das pessoas, remetendo o diferente para espaços confinados (o encarceramento dos loucos, a separação dos doentes dosãos, através do hospital), como já assinalou Foucault<sup>8</sup>.

Foi o risco permanente de contágio que motivou a união da sociedade, em particular da classe médica, para o seu combate, assumindo o corpo grande centralidade, uma vez que a sua degradação, pela doença, comprometia seriamente as gerações futuras. Surgem então os discursos eugénicos que analisavam a doença e de como esta colocava em causa o futuro da pátria. A aposta do eugenismo implicava uma relação comprometida com a defesa da saúde da criança, indiciadora de uma vida adulta produtiva, com garantias de um futuro socialmente afastado da doença física e social.

Os discursos higienistas dominaram as discussões dos meios médicos e escolares, desde o fim do século XIX, em que, conciliando as questões científicas e pedagógicas, encontraram na escola o recurso privilegiado para implementar a educação social, não apenas das crianças mas das próprias famílias. A “higiene, ao introduzir um padrão de comportamento, veio montar novos mecanismos de condicionamento social, veio exigir um novo pensamento, veio exigir novos cálculos”<sup>9</sup>. Esta nova disciplina esteve ao serviço de um plano de regeneração moral, física e social. A emergência da escola de massas e a escolarização da população, segundo Ramos do Ó, constituiu um duplo objetivo a “luta pela secularização do governo da alma e o da necessidade de enquadramento de populações em risco ou em perigo moral”<sup>10</sup>.

As escolas facultam às elites políticas e médicas conhecer as crianças das camadas populares e estas reconhecem, de um modo exagerado, a influência negativa que o meio escolar poderia ter na saúde da criança. Apesar de não ser o único, nem possivelmente o mais determinante, prestava-se à observação de grupos estatisticamente relevantes e de certo modo contribuía para ocultar outras realidades, mais difíceis de analisar e de isolar variáveis observáveis. Estas elites juntam-se, no entanto, para cuidar da preservação da saúde das crianças e concebem estratégias de preservação da vida de alunos e de professores.

Como reflexo da importância dada ao domínio físico, é possível afirmar que a modernidade sanitária portuguesa teve o seu início no século XX, em particular no período da 1ª República, em que a pedagogia e a educação constituíram um forte mecanismo de divulgação de importantes e significativas orientações e doutrinas e o poder político procura implementar medidas de sanidade e saúde públicas. A temática do corpo assume inúmeras vertentes, que se refletem nas conceções da arquitetura, do mobiliário e da organização escolar. Os debates médico-pedagógicos geram normativos que se traduzem na conceção dos edifícios escolares com fortes preocupações médico-sanitárias. Também o mobiliário escolar, a sua disposição e organização revelam prioridades de salubridade e de ergonomia pautadas, seguramente, por preocupações eugénicas, pedagógicas e sociais, em que sobressaem a disciplina e a manutenção de um corpo saudável.

O modelo de escola ao ar livre surgiu um pouco por todo o mundo, subordinado às urgentes orientações higiénicas e eugénicas que pretendiam afastar o aluno do ambiente de fácil contágio, que a escola primária do início do século XX proporcionava. O enfraquecimento da população escolar torna-se uma evidência a nível internacional e uma preocupação das autoridades locais, docentes e médicas referidas por vários autores: “la faiblesse des écoliers est notée par tous les observateurs, de Stockholm

<sup>8</sup> Michel Foucault, *Vigiar e Punir* (Petrópolis: Editora Vozes, 2006).

<sup>9</sup> Anthony Giddens, *As consequências da modernidade* (São Paulo: UNESP, 1991), 114.

<sup>10</sup> Jorge Ramos do Ó, *O Estado Português e as modalidades enunciativas da Educação Moderna. O Governo do liceu e a subjectivação do aluno no discurso de reitores, professores, médicos e visitadoras escolares durante os anos 30 e 40 do século XX*, (Universidade Federal do Ceará, 2010, Disponível in: <http://hdl.handle.net/10451/6293> consultado em 10/01/ 2016.

à Birmingham”<sup>11</sup>. Em 1917, em Amsterdam, “trois médecins scolaires informent le conseil municipal que 10 % des enfants de la ville sont malades et qu’il existe une solution: l’école de plein air”<sup>12</sup>.

A primeira escola ao ar livre, situada no meio da floresta e a funcionar em módulos pré-fabricados, começou a funcionar em 1904 em Charlottenbourg, batizada como Waldschule<sup>13</sup>. Surgiu esta escola da iniciativa do município e do inspetor escolar. Este modelo de escola surge como principal medida de combate à doença que atingia a população infantil. As crianças eram observadas e selecionadas por uma enfermeira e por um médico que, de acordo com o estado de saúde da criança, maioritariamente vítima de tuberculose, e a urgência de intervenção eram encaminhadas para esta escola. Por razões médicas de combate à tuberculose esta experiência foi divulgada um pouco por todo o mundo, graças a dois congressos internacionais: o Congresso Internacional de Tuberculose que teve lugar em Paris em 1905 e o no Congresso de Higiene Escolar de 1907 e realizado em Londres. Neste último, em 1907, foi recomendada a construção de Escolas ao Ar Livre.

Como aréopagos internacionais de debate de problemas e de proposição e difusão de propostas consideradas as melhores no momento, ao recomendarem este modelo de escola como uma medida importante de combate às doenças infetocontagiosas, tiveram um forte impacto nas políticas e nas elites médica, docente e da administração educativa de diversos países.

A primeira réplica de escola ao ar livre teve lugar em Lyon em 1907. Na Suíça, foi o médico Auguste Rollier que em 1909 inaugura a Clínica “Les Frênes” e a sua “École au soleil”. Esta escola funcionou numa antiga pensão de montanha, entre Leysin e Le Sepey, à qual Rollier adicionou “une annexe contenant trois terrasses superposées et en partie découvertes” adjacentes a uma “salle d’étude pourvue de grands vitrages et largement aérée”, para que, mesmo com mau tempo, chuva ou neve, as aulas tivessem lugar nos terraços<sup>14</sup>. A escola ao ar livre implementada, inicialmente, nos sanatórios com a designação de “escola ao sol”, aproveitava, na sua plenitude, as potencialidades do ar puro e do sol das montanhas e conciliava as duas realidades - a médica e a escolar - sem pretender que houvesse qualquer tipo de hierarquização.

A experiência britânica, com o nome de “open air school”, desenvolveu-se em várias cidades inglesas (Bradford, Liverpool, Sheffield...) antes mesmo de 1914. Nos Países Baixos, abriu uma escola em 1912 perto de La Haye, mas as seguintes só aparecem em 1918. Não se conhecem, a nível internacional, referências à experiência portuguesa que teve lugar em 1915 por iniciativa do inspetor escolar Vidal Oudinot.

A criação deste tipo de escolas no início do século XX foi acompanhada de inúmeros trabalhos e reflexões estrangeiros e nacionais. A nível internacional identificámos a apresentação de experiências europeias ao nível da escola ao ar livre, através de publicações da autoria dos médicos Auguste Rollier<sup>15</sup>, Delille & Wapler<sup>16</sup>. A imagem que se segue, publicada em 1919 por estes autores em França é exemplificativa deste movimento internacional e apresenta um grupo de crianças, de roupa ligeira, curta e chapéu de abas, acompanhado pelas professoras, a sair para a escola ao sol. De notar que a escola está inserida num espaço ajardinado, propiciador de ar puro. As crianças eram levadas pela professora ou pelo professor para a montanha onde tinha lugar a aula em pleno ar livre.

<sup>11</sup> Frioux, Stéphane et al, *Higiène et santé en Europe. De la fin du XVIIIe siècle aux lendemains de la Première Guerre Mondiale*, (Éditions SEDES, 2011, 523). “o enfraquecimento dos alunos é notada por todos os observadores, de Estocolmo a Birmingham” .

<sup>12</sup> *Ibidem*. “três médicos escolares informam o conselho municipal que 10% das crianças da cidade estão doentes e que existe uma solução: a escola ao ar livre”.

<sup>13</sup> Escola da floresta (école des bois).

<sup>14</sup> cf. Auguste Rollier, *L’Ecole au Soleil*, avec une préface de F. Buisson (Paris: Baillière et Cle, 1916).

<sup>15</sup> Auguste Rollier, *Die heliotherapie der tuberkulose mit besonderer berücksichtigung ihrer chirurgischen formen* (Berlin: J. Springer, 1913).

<sup>16</sup> Armand-Delille & Ph.Wapler, *L’école en plein air* (Paris: A. Maloine et fils, éditeurs, 1919).



Figura 1 – Partida para a escola ao sol às 8horas. In Armand-Delille & Ph.Wapler, *L'école en plein air*, 1919, 31.

Comum a todas estas experiências está a premissa da necessidade de ar puro como principal estratégia de evitar a doença e o seu contágio. São frequentes os autores que condenam a educação da criança em meios “antihigienicos (...) como as escolas e colégios de França em que o sedentarismo é exagerado”<sup>17</sup> permanecendo as crianças demasiado tempo em ambientes fechados e insalubres propícios à rápida propagação da doença. A exposição ao sol, os cuidados de higiene do corpo, com os banhos, o exercício físico, a limpeza da roupa e posturas corretas são constantes nos textos produzidos.

Esta nova visão de escola não se limitou ao espaço físico mas a um conjunto de novas medidas que, para além das “premissas higiénico-sanitárias que fundamentam a sua conceção, o modelo de escola ao ar livre experimenta também um novo método pedagógico-didático assente na aprendizagem ao ar livre”<sup>18</sup>. Encontram-se semelhanças, neste projeto, com o Movimento da Educação Nova em que ambos “centram o processo educativo na criança, baseando-se no resultado de investigações na área da psicologia do desenvolvimento pessoal, através do uso de métodos ativos de aprendizagem”<sup>19</sup>.

Desde o último quartel do século XIX que as instituições de formação de professores, onde estão presentes também médicos higienistas e onde emerge a ciência da educação, procuram vias alternativas para educar, centradas na criança, que promovam o seu pleno desenvolvimento físico, psicológico e moral. Partidários de uma visão científica da educação criam laboratórios onde se iniciam estudos de pedagogia e psicologia experimental, como o conhecido Laboratório de Psicologia Experimental de Leipzig, dirigido por Wundt. Ao mesmo tempo conhecem e procuram congregar e publicitar experiências inovadoras no campo educativo, onde se fundem naturalismo e conhecimento científico experimental. A natureza aparece como contexto e como metáfora da nova educação. A criação do Bureau International de l'Éducation Nouvelle<sup>20</sup> é um marco neste processo, ao permitir

<sup>17</sup> M. Guyau, *Educação e Hereditariedade* (Lisboa: Bibliotheca d'Éducação Nacional, 1910), 78.

<sup>18</sup> Alexandra Alegre, “Saúde, higiene e arquitectura escolar, os primeiros liceus da I República”, in *Corpo: Estado, medicina e sociedade no tempo da I República* (Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, 2010), 101.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> Cf. Adolphe Ferrière; Faria de Vasconcellos (2015), [1ª edição 1915]. *Uma Escola Nova na Bélgica*. (Aveiro: Universidade de Aveiro Editora).

identificar e caracterizar os princípios básicos do movimento. Entre eles, a localização das escolas novas em zonas rurais ou da periferia urbana onde o contacto com a natureza, a aprendizagem ao ar livre e os exercícios físicos e os trabalhos manuais tinham uma presença fundamental<sup>21</sup>. A ilustração seguinte, retirada de um livro de noções de higiene prática evidencia esta ligação da escola ao ar livre, no campo, com os preceitos de higiene, ambos concorrendo para uma aprendizagem alegre e saudável. Contudo ela tem um quê de inverosímil, parecendo mais um olhar sobre a aula que tem como pano de fundo uma paisagem campestre. Na verdade só um espaço de paredes deslizantes ou amovíveis permitiria a presença de mobiliário fixo na paisagem campestre.

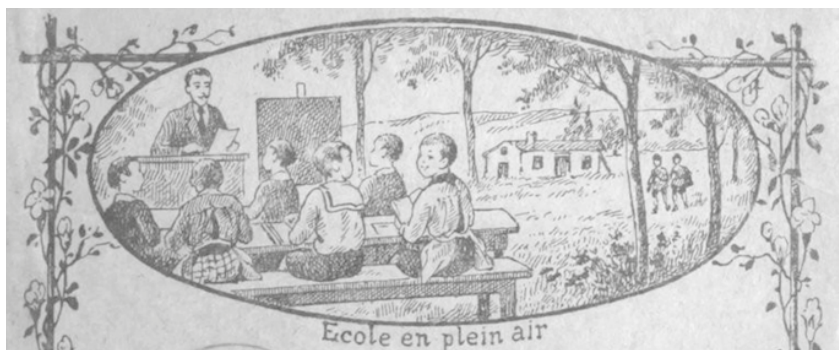


Figura 2 – Escola ao ar livre in Bonnet, *Notions d'Hygiène Pratique à l'école primaire*, (Paris, Librairie d'Éducation Nationale, 1923).

### As escolas ao ar livre em Portugal

Em Portugal, e por influência dos congressistas nacionais enviados a Londres, entre eles o médico Camilo Augusto de Figueiredo, estrutura-se um discurso médico sobre as escolas ao ar livre em prol da defesa da saúde das crianças. Temendo a propagação das doenças infetocontagiosas o governo republicano instituiu a criação deste novo projeto de escola pelo Decreto da Reforma de 29 de março de 1911. Apesar de legislada a criação destas escolas só se conhecem algumas iniciativas, particulares e dispersas pelo país, e tentativas isoladas, por parte de diferentes organismos, para concretizar este tipo de projeto.

Camilo Augusto de Figueiredo, um dos delegados aos trabalhos do congresso de Londres, justificando a necessidade da criação das escolas ao ar livre, apresentou à Faculdade de Medicina do Porto, em 1922, a tese de doutoramento com o título *As Escolas ao Ar Livre. Breves Considerações*, em que apresenta este tipo de escola como uma urgente e necessária medida social, sobretudo de combate a formas ganglionares de tuberculose, e justifica, assim, a necessidade deste tipo de projeto: “não se vê a tuberculose infantil senão nos meios tuberculosos. Num meio indemne, a criança não se tuberculisa, qualquer que seja o seu modo de alimentação. As crianças não nascem tuberculosas, tornam-se depois”<sup>22</sup>.

Este médico assume a defesa da vida da criança como uma prioridade do seu trabalho em que a “preservação da criança é o mais precioso e eficaz meio de combater a tuberculose”<sup>23</sup>. Apresenta o projeto da escola ao ar livre, apoiado por diversos autores, entre eles, Almeida Garrett que é também um apologista deste conceito de escola: “o mais poderoso, o mais fácil e menos dispendioso dos instrumentos de profilaxia da tuberculose está nas escolas ao ar livre”<sup>24</sup>. Na sua argumentação recorre

<sup>21</sup> *Ibidem*.

<sup>22</sup> Camilo Augusto Figueiredo, *Breves considerações sobre as Escolas ao Ar Livre* (Porto: Tipografia Abreu, 1922), 4.

<sup>23</sup> *Ibidem*.

<sup>24</sup> *Ibidem*.

aos fundamentos do movimento da Escola Nova ao afirmar que “a primeira das forças educadoras é a natureza; o seu contacto directo com a criança obtem-se com as escolas ao ar livre”<sup>25</sup>. Acrescenta que o mesmo movimento refere: “é nas escolas ao ar livre que a ciência se torna mais natural, mais inteligível, mais atraente; penetra mais facilmente no espirito e nêle mais facilmente se grava”<sup>26</sup>.

Camilo de Figueiredo apresenta o projeto de escolas ao ar livre da iniciativa de Vidal Oudinot<sup>27</sup>, em Tomar, como o único projeto que realmente funcionou em Portugal, contrariamente àquilo que gostaria de ter visto concretizar-se. Nas suas palavras, “a não ser a de Tomar, a única que existiu em Portugal e que tive o ensejo de visitar, nenhuma outra escolas ao ar livre, dada a impossibilidade de me ausentar do país, pude de perto observar”<sup>28</sup>.

Considera este médico que é na idade escolar que a tuberculose mais afeta a criança e que se reveste duma forma “latente, ganglionar, mantendo-se nesse estado até ao adulto, só então tornando-se nítida e clinicamente diagnosticável, francamente aberta, difícil de se debelar e duma letalidade e contagiosidade consideráveis”<sup>29</sup>. Afirmar também que é nesta fase da vida que a doença poderá ser mais facilmente combatida porque é “dos 5 aos 15 anos que o organismo da criança dispõe dos melhores e mais enérgicos meios de defesa contra os agentes mórbidos. Assim, estes ninhos de micróbios, como lhes chamou Kelsch”<sup>30</sup>, conservavam-se inativos, enquanto “a sua funesta actividade não seja despertada pelo desfalecimento dos tecidos, criado pelas vicissitudes de higiene ou por doenças intercorrentes”<sup>31</sup>. Os fatores de contágio ou as lacunas ao nível da higiene seriam responsáveis pelo despoletar e pelo agravamento das doenças de uma forma geral.

O inspetor de sanidade escolar, Pacheco de Miranda, apresenta, num artigo de jornal, o projeto das escolas ao ar livre como estratégia eugénica “pró ressurgimento da raça”<sup>32</sup>. Considera que a salvação do mundo reside no melhoramento da raça humana. Revela preocupação particular com os alunos das escolas primárias oficiais e descreve a situação em termos similares ao que acontecia no estrangeiro: “nas escolas, a percentagem dos débeis, dos tuberculosos latentes, dos definhados é pavorosa”<sup>33</sup>. Fundamenta, este inspetor, as suas afirmações nos trabalhos dos médicos escolares que apontam, como solução para a ameaça da tuberculose, a escola ao ar livre:

Nas escolas projetadas, as crianças escolhidas pelos médicos escolares de entre aquelas que mais poderão beneficiar com o seu regimen, terão não só a alimentação conveniente ao seu estado para um desenvolvimento normal, mas ainda as suas horas de cultura física, entremeadas com outras destinadas à cultura mental e ao repouso absoluto; ingressarão na escola de manhã cedo e só perto da noite serão entregues de novo aos cuidados da família<sup>34</sup>.

Em novembro de 1920, no rescaldo da gripe pneumónica de 1918 que terá matado mais de 60 mil pessoas em Portugal Continental, é noticiada a intenção de ser criada uma escola ao ar livre em Lisboa por iniciativa do vereador Joaquim Domingues. O vereador justifica esta obra com os excelentes resultados obtidos noutros países, em que as crianças conseguem sobreviver à tuberculose. Seria, assim, a escola ao ar livre uma estratégia de “salvação da raça portuguesa”.

---

<sup>25</sup> *Ibidem*.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

<sup>27</sup> Vidal Oudinot, *Acção. (Intra e extra-escolar)* (Porto: Livraria Chardron, 1915).

<sup>28</sup> Camilo Augusto Figueiredo, *Breves considerações sobre as Escolas ao Ar Livre* (Porto: Tipografia Abreu, 1922), 31.

<sup>29</sup> *Ibidem*, 35.

<sup>30</sup> *Ibidem*.

<sup>31</sup> *Idem*.

<sup>32</sup> *Idem*.

<sup>33</sup> *O Século*, 24 de outubro de 1920.

<sup>34</sup> *Ibidem*.

Em 1920, o Vereador da Câmara Municipal de Lisboa, Joaquim Domingues, no Congresso Municipalista Municipal, baseado em relatórios médicos internacionais, apresentou a seguinte fundamentação científica para a urgente criação de escolas ao ar livre:

No estrangeiro as estatísticas de morbilidade e demográficas, e ainda a observação clínica, demonstraram que necessário se tornava dar um melhor ambiente escolar, mais livre e mais sadio, à população das escolas que, por variadas causas, se dava com fácil acesso à doença e ao contágio. Tendo-se apoz aturados estudos, procurado resolver o problema desta instituição das chamadas escolas ao ar livre, deu essa tentativa, a breve trecho os mais animadores resultados a ponto de, pelos seus relatórios, se constatarem aumentos anuais assim classificados: de peso 7 kilos. De altura 5 cm, de capacidade torácica  $\frac{1}{2}$ , de perimetria 3 cm, de força muscular 9 kilos, e ainda o desaparecimento de intumescências ganglionares (...) desapareção de sinais físicos indicativos de tuberculose pulmonar nos seus primeiros períodos<sup>35</sup>.

Perante as evidências apresentadas, Joaquim Domingues, considera que face à “desanimadora percentagem de creanças em estado mórbido” nas escolas de Lisboa que segundo a observação médica de Quintão Meireles, da sanidade escolar, “nas aulas infantis se averigua uma percentagem de 20% de creanças já tuberculizadas e 45% de alunos de aspeto raquítico e desenvolvimento físico anormal, de má ventilação pulmonar, do que tudo resulta o estado pré-tuberculoso”<sup>36</sup>.

Apresentada a proposta deste vereador a comissão de Saúde e Higiene que considera que “deixar a população infantil no estado sanitário em que se encontra, é conscientemente atirar com a raça e com a Nação para o abismo” expôs o seguinte parecer:

Considerando que a nacionalidade Portuguesa atravessa um período crítico, a cujas perigosas consequências é preciso atender; considerando que dos variadíssimos factores originários de essa crise, devemos dar um lugar de primazia, ao depauperamento da raça;  
Considerando que as Escolas ao Ar Livre teem provado à evidencia, por numerosos estatísticos indiscutíveis, os seus benéficos resultados no desenvolvimento físico das populações infantis, que é a base estrutural do seu desenvolvimento moral: Mens sana in corpore sano;  
A vossa comissão de Saúde e Higiene, aceita com entusiasmo a ideia da instituição da primeira Escola ao ar livre na terra portuguesa (...) faz votos por que este facto seja o início dum período de intenso trabalho pró-rejuvenescimento da raça<sup>37</sup>.

Para além das regras higienistas de preocupação com as construções escolares e a sua arquitetura, os organismos de combate à doença, entre eles a A.N.T. (Assistência Nacional aos Tuberculosos) cria as escolas ao ar livre como meio de impedir a propagação da doença, pede-se então “à Direcção Geral de Instrução Primária professores para a Escola ao Ar Livre”<sup>38</sup>. A falta de dinheiro é inibidora destes projetos, “o que leva a procurarem-se subscritores privativos para a Escola ao Ar Livre por a A.N.T. não ter cursos para o seu funcionamento”<sup>39</sup>.

Camilo Augusto de Figueiredo, revelando as suas leituras de autores estrangeiros, cita Marie-Davy que, no jornal de higiene de 25 de janeiro de 1905, chama a atenção para “a viciação do ar na etiologia da tuberculose, nos centros de grande população. Por outro lado, a frequência da tuberculose está na razão directa da densidade da população por unidade da superfície métrica (lei de Fahr)”<sup>40</sup>. Revelando preocupações relativas à escola como um local privilegiado de contágio e propagação da

<sup>35</sup> Joaquim Domingues, *Escolas ao ar livre. Duas palavras de propaganda* (Lisboa: Imprensa Municipal, 1922), 8.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

<sup>37</sup> *Idem*, 9.

<sup>38</sup> Álvaro Barros Rosa, *Serviço de Luta Antituberculosa, Da ANT ao SLAT, História Sumária da Instituição, 1899-1979* (Lisboa: 1979), 52.

<sup>39</sup> *Ibidem*, 56.

<sup>40</sup> Camilo Augusto Figueiredo, *Breves considerações sobre as Escolas ao Ar Livre* (Porto: Tipografia Abreu, 1922), 39.



doença determina, este médico, como prioridade “indicar a parte que cabe à escola na etiologia”<sup>41</sup> na descoberta das causas e na profilaxia. Defende acerrimamente as escolas ao ar livre como uma forma de travar a doença e indica os recursos pouco dispendiosos que tornariam este projeto exequível:

Estas escolas requerem apenas barracões de madeira, facilmente desmontáveis, com as dimensões de 13,5m x 6,5m x 4,3m(h). Um estrado de madeira com alguns centímetros de altura faz de pavimento. Uma superfície de 6 x 8m destina-se à sala de aula que é iluminada e arejada por 9 grandes aberturas (6 laterais e 3 na frontaria). O mobiliário é constituído por mesas e cadeiras em mobiliário de pinho, o mais leve possível<sup>42</sup>.

Em Portugal, o médico Joaquim Gomes Ferreira Alves<sup>43</sup>, fortemente influenciado por Rollier, na publicitação das obras de ampliação do Sanatório Marítimo do Norte em 1927, propõe a construção de uma escola ao sol com artes e ofícios para adolescentes no Sanatório Marítimo do Norte na praia de Valadares<sup>44</sup>.

Na proposta de defesa da vida ao ar livre, Aurélio da Costa Ferreira, em 1920, enaltece o projeto das colónias de férias pelos resultados surpreendentes verificado, uma vez que as crianças aumentam consideravelmente o seu peso quando são inseridas nesta experiência. Destaca ainda o papel do médico como agente de seleção e de orientação dos casos mais urgentes e necessitados, uma vez que não havia lugar para muitas crianças. Classifica as colónias de férias como instituições peri-escolares, uma vez que funcionam como complemento da escola e paralelamente a esta.

Ao fim de quinze dias, se notam nas colónias de férias das crianças pobres das cidades, dessas que eu chamei em tempos pobres exilados da Natureza, mostra bem a importância destas instituições peri-escolares: as colónias, par que não me canso de vos chamar a atenção, instigando-vos a promover sempre que vos for possível a sua organização, mas sempre com o auxílio do médico, a quem cabe a seleção dos casos e a indicação daqueles a quem convém a praia e daqueles outros a quem o campo mais convém<sup>45</sup>.

Para além dos alunos, também a classe dos professores é recorrentemente referida como uma profissão particularmente atingida pela tuberculose, uma vez que trabalha em circunstâncias problemáticas com deficientes condições de arejamento e de ventilação do local de trabalho. É também referida a surmenage a que por vezes os professores se entregam, as más condições higiénicas em que vivem, a má alimentação, “tudo motivado pela deficiente remuneração do seu trabalho exaustivo, são causas poderosas da sua tuberculização. Compreende-se ainda que na sua forma laríngea neles seja mais frequente do que em qualquer outra classe”<sup>46</sup>.

O médico Camilo Augusto de Figueiredo denuncia também a falta de higiene das escolas do Porto que as transformam em locais propícios à propagação da tuberculose reclamando urgentes transformações na própria organização escolar:

Com as escolas instaladas nos centros urbanos, onde não só se encontram reunidos os bacilos em grande número, mas ainda onde a densidade de população concorre para uma verdadeira «fome de ar», tão perigosa e funesta como a falta de alimentos, com escolas que mais parecem predestinadas à decadência física e moral (...) com escolas cuja organização, programa e forma de o ministrar, afugentam as crianças que por elas sentem horror, atrofiando-as e depauperando-as, que poderemos

<sup>41</sup> *Ibidem*.

<sup>42</sup> *Idem*, 39.

<sup>43</sup> Joaquim Gomes Ferreira Alves, *Necessidade dos Sanatórios Marítimos no norte de Portugal* (Porto: 1915).

<sup>44</sup> Anabela Amaral, *Vivências Educativas da Tuberculose no Sanatório Marítimo do Norte e Clínica Heliântia (1917-1955)*, (Dissertação de Mestrado apresentada à FPCE-UP, 2007), 24.

<sup>45</sup> António Aurélio da Costa Ferreira, *História natural da criança: duas lições* (Lisboa: Instituto médico-pedagógico da Casa Pia de Lisboa, 1920), 35.

<sup>46</sup> *Ibidem*, 46.

pensar na sua efectivação. E são as crianças dessas mesmas escolas que, á noite, regressam ao lar, nas mesmas ou peores condições higiénicas, dominado pela miséria, e em que, muito frequentes vezes, são postas em contacto directo com perigosos focos de tuberculização<sup>47</sup>.

Figueiredo preconiza o desenvolvimento intelectual da criança em paralelo com um aumento da resistência e da robustez física do aluno e considera mesmo a organização da cidade nociva ao desenvolvimento saudável da criança que, numa solução ideal, deveria ser afastada e acolhida por famílias do campo.

Apesar de o nosso país reunir condições climáticas ideais, mesmo das mais favoráveis em relação aos restantes países europeus, possuir uma costa propícia à vida ao ar livre, o projeto destas escolas não é implementado “somente tive o ensejo de visitar as escolas ao ar livre — tipo externato — de Tomar, as únicas que existiram em Portugal, cuja criação se deve à patriótica e admirável iniciativa de Vidal Oudinot”<sup>48</sup>.

Vidal Oudinot, Inspetor escolar de Tomar, defende “o culto da Natureza, onde a sua moral clara e nua fortemente vibra e se patenteia, cultivo-a e propago-a intensamente em todas as escolas do meu círculo.” Este autor enaltece o valor do ambiente natural ao ar livre e a sua importância, segundo o mesmo, totalmente ignorada pela escola e pelos professores. Começa então a projetar um modelo de escola ao ar livre. Pensando na postura dos alunos e na atividade de escrita recorre, segundo o próprio, a um professor criativo, António Luís, da escola Central de S. Pedro do Sul para a conceção de uma carteira portátil. Este concebeu rapidamente um modelo, a Portátil, que pesava três quilos, que era facilmente fechada e transportada pelos alunos e pelo professor com o auxílio de uma alça que era colocada ao ombro, a aula era assim deslocada para qualquer espaço exterior que fosse pretendido pelo professor:

os resultados foram magníficos. Ele mesmo, transportando a sua carteira e acompanhado da 3ª e 4ª classes a cujos ombros eram colocadas as Portáteis, como lhe chamávamos, lá iam, caminho fora, à busca duma sombra de árvore copada ou dum recanto tranquilo e macio da montanha. E era ver com gosto e com prazer os progressos rápidos e firmes daqueles bravos rapazes!<sup>49</sup>



Figura 3 – Oudinot “Um grupo da 3ª partindo para o campo” (1915, 47).

Oudinot refere os rápidos progressos dos rapazes, mas, de acordo com a ilustração apresentada, as raparigas também participaram neste projeto. O grupo da terceira classe era constituído por duas raparigas e treze rapazes.

<sup>47</sup> Camilo Augusto Figueiredo, *Breves considerações sobre as Escolas ao Ar Livre* (Porto: Tipografia Abreu, 1922), 46.

<sup>48</sup> *Ibidem*, 53.

<sup>49</sup> *Ibidem*, 46.

## Estratégias educativas ao ar livre

Guyau, autor francês amplamente conhecido em Portugal, defende que nas férias escolares os jovens deviam adotar uma vida ao ar livre aproveitando para exercitar o corpo, como aquisição da robustez, sobretudo nas montanhas onde o ar é mais puro. Tyndall, um físico destacado, aproveitava as montanhas para “renovar o meu contrato com a vida e restabelecer o equilíbrio entre o espírito e o corpo”<sup>50</sup>.

Partindo do mesmo conceito da educação ao ar livre como estratégia de aquisição de robustez física e mesmo mental mas como ocupação das interrupções letivas, o Club Alpino Francês, para ocupar os dois meses das férias escolares, organizou Caravanas Escolares que tinham como objetivo:

Reunir alguns rapazes da mesma idade, levá-los para as montanhas, em presenças dos grandes espetáculos da natureza; prepará-los para marchas em comum, de sacco às costas, pau ferrado na mão, para as privações do voluntariado de um anno, e mesmo para as fadigas da guerra; assegurar-lhes ao longo da viagem, a vigilância benévola de um chefe experimentado, lições de física, geologia e botânica, dadas ao ar livre, sob o céu azul, nas estações de descanso; distrair o espírito, sem cessar de instruir, elevar a alma, fortalecendo o corpo. Muitos e importantes estabelecimentos entraram já nesse caminho e instituíram viagens nas grandes e pequenas férias. É uma ideia, além de excelente aplicação da higiene, bem moral e patriótica<sup>51</sup>.

A folha de estudo sanitário constitui um dos diversos documentos que provavam a evolução da criança integrada em experiências educativas diversas, era feito um registo do estado da criança antes da partida e depois no seu regresso a casa. Tiraram-se conclusões que provavam os benefícios da vida ao ar livre como medida higiénica e de preservação da vida da criança.

A professora Olinda Tavares dos Santos assina um artigo na “Revista Escolar” da qual era Diretor Faria de Vasconcelos, em que esta professora faz a apologia das escolas ao ar livre afirmando que “há muito que se diz que é preciso renovar material e intelectualmente as escolas”<sup>52</sup>, que continuavam votadas ao abandono sem condições higiénicas compatíveis com o estado físico das crianças “não possuindo algumas delas nem sequer um pátio de recreio”<sup>53</sup>.

O professor sente necessidade de procurar “o ar e a luz vivificantes do campo para buscar, no grande mostruário da Natureza, os instrumentos de ensino, que a pedagogia moderna reclama, e que a escola não pode fornecer-lhe”<sup>54</sup>. Justifica-se assim a necessidade das lições e aulas ao ar livre que, para além de garantirem o desenvolvimento físico dos alunos, também lhes fornecem materiais muito ricos para o seu desenvolvimento intelectual. Revela, esta professora, que em Espanha já existia um grande número de escolas ao ar livre, escolas de bosque, escolas de sol, colónias de férias, enquanto que em Portugal estas experiências são pouco significativas e a escola, em geral, é monótona e pouco respeitadora do desenvolvimento físico e moral dos seus alunos, contribuindo para “deprimir física e psicologicamente a criança”<sup>55</sup>. Olinda Santos faz referência à espanhola Rosa Lensat, diretora da escola de bosque de Barcelona em que “a classe é um lugar de meditação e estudo, é o gabinete de trabalho e onde se ordenam e classificam os materiais recolhidos fora, é a paragem de descanso numa vida intensa em impressões e actividades específicas”<sup>56</sup>.

Esta professora sugere as lições ao ar livre como uma forma de superar a grande lacuna ao nível das condições e do reduzido número de edifícios escolares existentes em Portugal, recomenda ainda as excursões escolares como uma estratégia saudável, gratuita e motivadora para os professores e para os alunos.

<sup>50</sup> M. Guyau, *Educação e Hereditariedade* (Lisboa: Bibliotheca d’Educação Nacional, 1910), 102.

<sup>51</sup> *Ibidem*, 103.

<sup>52</sup> *Revista Escolar* (1929), 216.

<sup>53</sup> *Ibidem*.

<sup>54</sup> *Idem*.

<sup>55</sup> *Idem*, 217.

<sup>56</sup> *Ibidem*.

Faria de Vasconcelos apresenta também as excursões escolares como um dos “meios mais poderosos e eficazes de cultura física, intelectual e moral de que a escola dispõe e do qual (...) se deve tirar o maior partido pela sua organização regular e frequente”<sup>57</sup>. Considera esta estratégia de ensino como um índice da “vitalidade espiritual da escola, mas também da moralidade e competência pedagógica dos professores”<sup>58</sup>. A excursão, para este autor, constitui um exercício de “cultura e de higiene” em que a marcha, os jogos, o ar puro e a distração da saída da escola são elementos de regeneração e de consolidação da robustez física e moral dos alunos.

Este autor apresenta inúmeras vantagens das excursões e em diferentes domínios. Nos domínios intelectual e artístico, será benéfico para os alunos, a aquisição de competências de observação e da natureza e de fruição da mesma; ao nível moral, será um meio de aquisição de hábitos sociais de vida em comum e de estímulo pela solidariedade escolar. O campo e a natureza são elementos purificadores da mente e do corpo, a vida da cidade é negativa uma vez que corrompe a saúde física e mental do indivíduo: “a cidade esgota e deprime”<sup>59</sup>.

Encontram-se referências na imprensa a excursões escolares realizadas, anualmente ou várias vezes no ano, no ensino particular e público, e é possível verificar inúmeros pormenores relativos à organização e duração das mesmas que procuram imitar modelos estrangeiros no seu itinerário e na avaliação da atividade. A viagem é anunciada no jornal “A Tesoura” de 9 de julho de 1921: “Aí estão as férias! Chegou o instante apetecido, o momento feliz, há tanto tempo esperado com a maior impaciência!”. A viagem é a recompensa pelo período de estudo em que “só os que viveram longos meses dentro de quatro paredes sabem da alegria profunda, como se saúda o espaço livre, livre”.

É o professor de História, o responsável pela vista, que dá instruções aos rapazes para a preparação da mala: “pouca coisa, duas camisas, meias, m casaco para mudar nas cidades: que ninguém se esqueça da carta geográfica que lhe foi atribuída”. A viagem terá início com a pura descontração em que nos primeiros dias serão destinados exclusivamente “aos longos passeios, em que se respira o ar do campo a plenos pulmões, em que os olhos ávidos de verdura e de sol, descançam finalmente” da vista monótona, aborrecida, do edifício escolar em que passaram todo o ano “das salas de estudo dos longos corredores, daqueles pátios estreitos, onde o chão é de calçada e as paredes de cal suja pelo tempo!”. As caminhadas a pé sucedem-se com “maleta às costas e pau na mão; deixemos as estradas: tomemos por esses campos fora... vamos dormir às granjas, nos palheiros cheios de feno fresco”; o relato, um verdadeiro diário continua: “beber água por essas ribeiras que vêm do monte, apanhar os verdes ouriços que caem dos castanheiros, conversar com essa boa gente que nos olha espantada, por ver tantos rapazes juntos”<sup>60</sup>.

Causadora de grande impacto, junto da população, esta excursão escolar seguiu os objetivos do professor que a organizou e, depois do período de inicial descontração, seguiu-se uma visita a um museu: “no fim de três dias depois da anunciada visita ao museu de antiguidades, acabou-se com a folia constante pelos campos e a nossa caravana de turistas lá vai guiada pelo nosso bom Victor”<sup>61</sup>; ao longo da visita é o professor que, num espaço diferente da sala de aula, o museu, dá uma lição de história aos seus alunos. E assim percorrem “as salas do museu, e ouvir da bôca do professor, a história da velha terra, traduzida e ressuscitada pelos sábios em todas as colecções de objectos expostos nas vidraças”<sup>62</sup>.

<sup>57</sup> Faria de Vasconcelos, *Problemas Escolares* (Lisboa: Seara Nova, 1921), 131.

<sup>58</sup> *Ibidem*.

<sup>59</sup> *Idem*, 133.

<sup>60</sup> *A Tesoura*, 9 de julho de 1921.

<sup>61</sup> *Ibidem*.

<sup>62</sup> *Idem*.

As excursões escolares são, na maior parte das vezes, a principal motivação que os professores primários tinham para estimular os alunos para a melhoria do seu desempenho escolar uma vez que estes eram “simplesmente preguiçosos: e era isso devido a vício de educação caseira – pais indiferentes aos progressos intelectuais dos filhos”<sup>63</sup>. Em Tomar, segundo o relato do inspetor Vidal Oudinot, as excursões escolares eram com muita frequência um incentivo aos alunos: “o professor Manuel Godinho (...) instituiu na classe uma Caixa de excursões, mantida por núcleos de alunos, adestrados no teatro, no canto coral e na ginástica”<sup>64</sup>. Estes alunos, ao demonstrarem os seus talentos em salões e teatros, angariavam assim verbas para poderem fazer inúmeras visitas de estudo: “organizou belos passeios científicos e de proveitosa utilidade. Êsses passeios não se limitaram às fábricas de papel, fição, azeite, etc., que engrandecem Tomar”<sup>65</sup>, era frequente visitarem na região as indústrias vizinhas, mas para superar esta atividade apostavam em excursões com objetivos mais ambiciosos e “levava-os também a lugares onde a alma se espiritualizasse - à Batalha, Convento de Cristo, Alcobaca, Nabância, Sernache, etc.”<sup>66</sup>. Habilmente, o professor, em momentos de quebra no trabalho, relembra aos alunos a visita programada que era o primeiro passeio, o “inicial de muitos outros, para aqueles que o merecessem. Foi uma maravilha! No fim da semana todos os seis teimosos tinham obtido a classificação de 12, 13, 13, 15, 16 e 16”<sup>67</sup>. A experiência surtia o efeito pretendido porque os resultados o comprovavam.

Vidal Oudinot relata o que viu num passeio que dava na serra do Caramulo, “nessa deliciosa serra em que a gente parece mais leve e mais moça”<sup>68</sup>, quando se deparou com o quadro de uma jovem professora que fazia uma excursão com os seus alunos: “na sombra carinhosa dum carvalho secular, umas trinta e tantas crianças, de bibes frescos e amplos, ouviam atentamente uma rapariga dos seus vinte e cinco anos, de grande chapéu de palha, enfeitado com uma larga fita dum azul modesto”<sup>69</sup>. Esta professora, no ambiente saudável da montanha dava uma aula de higiene e numa conversa quase informal incutia nos seus alunos preceitos de higiene e de saúde oral: “sabem porque desejo que as minhas alunas tragam a sua bôca e os seus dentes muito limpos. Não é tão feio ver uma pessoa sem dentes, ou tendo-os, trazê-los negros ou estragados?”<sup>70</sup>.

Continua o relato deste inspetor escolar que aborda a professora, da Carçã, que tinha encontrado e se apresenta elogiando-a pela qualidade da sua aula. Esta reconhece as qualidades da vida ao ar livre: “pouco aproveito a sala de aula, só quando a chuva e o muito frio nos empurram, é que entramos. As carteiras portáteis tem sido um auxiliar fecundo para este ensino natural que julgo ser o mais moralizador e o mais compreensível”<sup>71</sup>, recorrendo ao exemplo da professora estimula os alunos a imitá-la: “também pego na minha carteira e acompanho as minhas alunas”<sup>72</sup>. Enaltece a vida no campo em oposição à vida da cidade: “é no meio duma multidão desconhecida que eu tenho a sensação do isolamento. Aqui espiritualizo-me e consolido-me, além desespiritualizava a alma se por lá ficasse”<sup>73</sup>. O inspetor visitou a escola da Carçã e elogiou o trabalho aí desenvolvido: “comovidamente me despedi da professora da Carçã, deixando exarado no livro de inspeções, o meu profundo respeito e admiração pela sua aptidão pedagógica”<sup>74</sup>.

<sup>63</sup> Vidal Oudinot, *Acção. (Intra e extra-escolar)*, (Porto: Livraria Chardron, 1915), 34.

<sup>64</sup> *Ibidem*, 35.

<sup>65</sup> *Idem*.

<sup>66</sup> *Idem*.

<sup>67</sup> *Idem*.

<sup>68</sup> *Idem*, 51.

<sup>69</sup> *Ibidem*.

<sup>70</sup> *Ibidem*.

<sup>71</sup> *Idem*, 53.

<sup>72</sup> *Ibidem*.

<sup>73</sup> *Ibidem*.

<sup>74</sup> *Idem*, 55.

Igualmente Adolfo Lima, num artigo dedicado exclusivamente ao tema das excursões escolares, refere a crítica recorrente feita ao professorado português por ser contra a realização de excursões escolares e por recorrer a esta atividade muito poucas vezes. Afirma ser totalmente falsa esta afirmação e apresenta como prova os relatórios de professores e de inspetores escolares que dão conta da realização deste tipo de atividade, visitas e excursões escolares, com alguma frequência.

Este autor salvaguarda a classe do professorado por não realizar mais visitas escolares com a impossibilidade de suportar as suas despesas: “é o preço excessivo dos transportes”<sup>75</sup>; as empresas e instituições não são recetivas ao acolhimento de alunos no seu interior, manifestando sempre receio em mostrar a sua instituições a elementos estranhos; os próprios organismos não consideram a possibilidade de cobrarem preços reduzidos às atividades escolares, apesar dos esforços realizados para o efeito. Lamenta assim: “como é que o professorado pode fazer excursões, se as entidades oficiais descuram a tal ponto os interesses da educação, permitindo consciente ou inconscientemente que desapareçam os poucos estímulos?”<sup>76</sup>. Reclama o mesmo direito dos militares que podiam usufruir de tarifas reduzidas, atribui ainda culpas ao futebol: “a mania do desporto e do foot-ball tem prejudicado muitíssimo as excursões. As crianças negam-se a ir a excursões em que não se deixa levar a bola e preferem o pontapé ao passeio”<sup>77</sup>. Perante todas estas evidências, Adolfo Lima, defende os professores das acusações feitas “e é o professorado que paga as culpas de as excursões serem raras!”<sup>78</sup>

Adolfo Lima apresenta a seguinte definição de excursão escolar: “visita ou viagem que os alunos e professores fazem a uma localidade, a um local, a um certo e determinado sítio de uma cidade ou vila ou dos arredores dessa cidade ou vila”<sup>79</sup>. As visitas poderiam ter inúmeros destinos e objetivos, poderiam ser a um museu a uma fábrica, a um monumento ou a uma exposição momentânea. Faz ainda uma interessante distinção desta estratégia pedagógica, distingue e classifica como higiénicas, artísticas, científicas e sociais. Caracteriza-as desta forma, a viagem escolar, será de estudo e poderá ter a duração de vários dias ou mesmo semanas a “certa região, cidade, localidade com o fim de estudá-la, de ver, de conhecer o que a notabiliza”<sup>80</sup>; a excursão propriamente dita com caráter aventureiro e mais indicada para os alunos mais novos e seriam exemplos: “fazer uma excursão a uma montanha, a um vale, a umas furnas, a uns penedos, a umas antas, etc.”<sup>81</sup>; a excursão higiénica, seria essencialmente desportiva, de educação fisiológica: “é o exercício de andar, de caminhar, de fazer marchas de resistência”<sup>82</sup>; as visitas de estudo seriam aqueles em que os alunos poderiam “visitar um museu, uma exposição, uma fábrica, um teatro, uma escola, um edifício ou um monumento”<sup>83</sup>.

### Considerações finais

O trabalho analisa uma nova conceção de escola surgida no início do século XX e integrada no movimento higienista internacional de defesa da saúde pública e escolar. Apresentou as estratégias educativas que a nível europeu pretendiam conciliar uma dupla função, a de ensinar e a de preservar a saúde de alunos e professores; analisou a forma como as experiências europeias ao nível da escola ao ar livre inspiraram projetos portugueses semelhantes. A análise da diversidade de fontes permitiu

<sup>75</sup> Adolfo Lima, “Excursões Escolares”, In *Educação Social* (nº 11, Lisboa: Empresa Literária Fluminense, Lda., 25 junho, 1924), 185.

<sup>76</sup> *Idem*.

<sup>77</sup> *Idem*.

<sup>78</sup> *Idem*.

<sup>79</sup> *Idem*.

<sup>80</sup> *Ibidem*, 186.

<sup>81</sup> *Idem*.

<sup>82</sup> *Idem*.

<sup>83</sup> *Idem*.

identificar a escola ao ar livre e as excursões escolares como estratégias pedagógicas inovadoras, que condensavam em si elementos do discurso médico higienista e do discurso pedagógico ligado ao movimento da Escola Nova e uma conceção científica da educação.

Será pertinente o estudo a nível nacional de experiências semelhantes às expostas neste trabalho, assim como a análise comparativa com o que aconteceu noutros países. Coloca-se a questão se a Europa terá sido pioneira nesta dimensão uma vez que é possível verificar que existiram projetos análogos no Brasil com o “Heliotherapium” (Casa de Oswaldo Cruz/Fio Cruz)<sup>84</sup>, nos Estados Unidos da América com a experiência de Elizabeth McCormick e “The “open-air crusaders” of Open air School”<sup>85</sup>.

O processo de abertura da escola à natureza e à fruição do espaço ao ar livre por parte de alunos e professores foi muito amplo tendo existido em vários continentes e estavam orientados por um projeto internacional comum de higienização da escola e robustecimento físico do aluno e da sociedade.

---

<sup>84</sup> Cf. Maria Martha de Luna Freire, Vinícius da Silva Leony, “A caridade científica: Moncorvo Filho e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (1899-1930)”, *História, Ciências, Saúde - Manguinhos* (vol.18 supl.1 Rio de Janeiro Dec. 2011). Consultado em 12/01/2016.

<sup>85</sup> As cruzadas das escolas ao ar livre, Chicado, EUA, 1911. A publicação: Sherman C. Kingsley, F.B. Dresslar, Open-air schools (Bureau of Education, Department of the Interior, Bulletin, nº23, 1916), refere as escolas ao ar livre que existiram em diferentes cidades na Austrália, Canada, Dinamarca, Inglaterra, Itália, Escócia, Suécia, EUA. Cf. DM Fesler, Open-air schools (US National Library of Medicine, National Institutes of Health, 2000, Aug., 16(3) 20-5).

